

O conceito de aprender no pensamento de Gilles Deleuze

The concept of learning in the thought of Gilles Deleuze

Patrícia Lima da Silva

Universidade Federal do Rio Grande (FURG),
Campus Santo Antônio da Patrulha
patriciasilva@furg.br

Claudia Glavam Duarte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Campus Litoral Norte
claudiaglavam@hotmail.com

Resumo

Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aqui, buscamos mapear o conceito de aprender no pensamento do filósofo Gilles Deleuze a partir de dois de seus livros: *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010) e *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2018). Interligado ao conceito de aprender figura o conceito de signo, que se torna importante no desenvolvimento de nossos estudos. Desenvolvemos nossa escrita almejando articular essa teoria ao aprendizado de uma matéria de estudo a partir dos signos emitidos por ela.

Palavras-chave: aprender, signo, filosofia da diferença.

Abstract

This article is part of a doctoral research that is underway in the Graduate Program in Science Education at the Federal University of Rio Grande do Sul. Here, we seek to map the concept of learning in the thinking of the philosopher Gilles Deleuze from two of his books: *Proust and the signs* (DELEUZE, 2010) and *Difference and repetition* (DELEUZE, 2018). Connected to the concept of learning is the concept of sign, which becomes important in the development of our studies. We developed our writing aiming to articulate this theory to the learning of a study subject from the signs emitted by it.

Key words: learn, sign, philosophy of difference.

O professor Gilles Deleuze

Neste artigo apresentamos um estudo sobre o conceito de aprender no pensamento do filósofo Gilles Deleuze que faz parte de uma pesquisa de doutorado em Educação em Ciências que está em andamento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A principal obra que discutimos aqui é *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010). Além dessa obra, também

nos apoiamos em algumas passagens de *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2018), livro este que foi publicado cinco anos após o primeiro e é constituído pela tese de doutorado de Deleuze. É importante pontuar que observamos que, no segundo livro, foram desenvolvidas e aprofundadas algumas ideias que já estavam presentes no primeiro, mas aqui vamos nos restringir apenas às ideias que envolvem o aprendizado. Destacamos que nos acompanham, nessa empreitada, comentadores do filósofo, tais como Gallo (2017), Machado (2009), Nascimento (2012), Corazza (2003), Bello, Zordan e Marques (2015) que, de alguma forma, dedicaram-se a estudar os conceitos aqui apresentados.

Entendemos que devemos ter atenção e cuidado com as palavras usadas, uma vez que “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras” (LARROSA, 2002, p. 21). Nesse sentido, antes de começar, pontuamos que, nas traduções que possuímos dos dois livros de Deleuze citados acima, são usadas as palavras aprender e aprendizado. Ou dito de outra forma, não encontramos a palavra aprendizagem, palavra essa que buscaremos nos distanciar pelo uso que tem sido feito dela em alguns contextos ligados à educação (como em ensino-aprendizagem, espaços de aprendizagem, teorias de aprendizagem¹). Buscamos assim, direcionar a nossa atenção ao movimento do aprender.

Segundo Gallo, Deleuze desenvolve uma “quase-teoria do aprender” (GALLO, 2017, p. 3), isto porque este não foi o seu tema central de escrita. No entanto, nos dois livros nos quais estamos nos apoiando são desenvolvidas algumas ideias sobre o aprendizado. Além disso, não nos esqueçamos que, além de filósofo e pesquisador, Deleuze foi também professor em liceus (o que corresponde ao ensino médio no Brasil) e em universidades, tais como a Universidade de Vincennes (hoje Paris VIII) durante o intervalo compreendido entre 1969 a 1987 (DELEUZE, 2013, p. 238). Segundo um amigo próximo a Deleuze, as aulas que ministrava na terça-feira ocupavam especiais momentos de preparação: “eu via Deleuze trabalhar desde o domingo de manhã, às vezes desde sábado. A aula era muito amadurecida durante três dias e antes de ministrá-la era como uma preparação física, como antes de uma corrida” (CHEVALIER apud DOSSE, 2010, p. 291). Para Deleuze, que gostava muito de ministrar aula, a preparação das aulas era muito importante. Ele dizia que “uma aula é algo muito preparado. [...] Se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. [...] Sempre fiz isso, eu gostava. Eu me preparava muito para ter esses momentos de inspiração.” (DELEUZE; PARNET, 1995). Esta dedicação resultou em reconhecimento, pois, “não apenas a sala ficava cheia, como haviam estudantes sentados no pequeno tablado em torno da mesa do professor. Outros tinham de ficar no corredor, e a porta era deixada aberta para que pudessem ouvir” (DOSSE, 2010, p. 110). No entanto, em 1987 o professor Deleuze percebe que estava na hora de se aposentar e parar de ministrar aula, pois, segundo ele, “precisava de uma preparação crescentemente maior para obter uma inspiração cada vez menor” (DELEUZE; PARNET, 1995). Assim, Deleuze se aposenta após ser professor por quase quarenta anos. Diz o filósofo:

As aulas foram uma parte da minha vida, eu as dei com paixão. Não são de modo algum como as conferências, porque implicam uma longa duração, e um público relativamente constante, às vezes durante vários anos. É como um laboratório de pesquisas: dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que se sabe. É preciso muito tempo de preparação para obter alguns minutos de inspiração. Fiquei satisfeito em parar quando vi que precisava preparar mais

¹ Na verdade, “Não é a palavra “aprendizagem” em si que me incomoda, mas o modo como a ideologia da aprendizagem, com toda sua carga individualista, psicológica e cognitiva, colonizou os discursos e as práticas educativas” (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 55). Dessa forma, ao nos distanciarmos dessa palavra, também buscamos nos distanciar de toda essa ideologia que, colada nela, ronda a educação. Pensamos que aprendizagem é uma dessas palavras que “talvez já estejam tão manipuladas que haveria de abandoná-las, assim, completamente, ‘deixá-las ao inimigo’, como dizia García Calvo” (LARROSA, 2004, p. 246).

e mais para ter uma inspiração mais dolorosa. (DELEUZE, 2013, p.177).

Tal experiência o colocou, a partir da realidade francesa, em contato com a docência, com estudantes e com o aprender. Dessas experiências Deleuze conclui que uma aula “é uma espécie de matéria em movimento musical, em que cada grupo aprende o que lhe convém. Não é tudo que convém a qualquer um. Uma aula é emoção. Se não há emoção, não há inteligência, nenhum interesse, não há nada” (DOSSE, 2010, p. 291). Deleuze (DELEUZE; PARNET, 1995) explica que considera a aula como um movimento musical, pois ela não deve ser interrompida, assim como a música não deve ser interrompida. Em suas aulas não havia espaço para perguntas dos estudantes, isso porque ele pensa que nem todos compreendem na hora o que foi falado e, às vezes, é necessário dar-se tempo para compreender. Além disso, a música não é dirigida apenas a especialistas em música e, dessa forma, a sua aula de filosofia não é dirigida apenas a filósofos. Bem pelo contrário, é o público heterogêneo que Deleuze tem em Vincennes, composto por filósofos e por não-filósofos (como “matemáticos, músicos (de formação clássica ou da *pop music*), psicólogos, historiadores, etc” (DELEUZE, 2002, p. 226, *italico do autor*)), que lhe encanta.

É a partir dessas condições que passamos a caracterizar as ideias relacionadas ao movimento de aprender apresentadas por Deleuze nos livros *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010) e *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2018).

Aprender é decifrar signos

Deleuze, ao elaborar o conceito de aprender, o concebe de uma maneira geral, pensando nos aprendizados da vida como um todo. Nesta seção apresentamos alguns pontos que marcam a ideia pensada pelo filósofo sobre o aprender e iniciamos uma torção nessa ideia em direção ao aprender uma matéria de estudo.

Começamos com o livro *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010) pois “é ao discutir a teoria dos signos que Deleuze vai caracterizar o aprender como um ‘encontro com signos’.” (GALLO, 2017, p. 4). Em Deleuze, as ideias de encontro e de signo estão relacionadas e essas duas noções juntas formam uma das características do aprendizado. Dessa forma, antes de adensarmos o conceito de aprender tal como pensado por Deleuze, trazemos brevemente a concepção de signo pensada pelo filósofo.

Deleuze (2010), ao fazer sua análise da *Recherche* de Proust², elabora quatro mundos de signos. Esses mundos ou “categorias de signos em Deleuze estão em relação imanente em relação à literatura em que se inspira, ou seja, não tem pretensões universais” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 8). O primeiro mundo é formado pelos signos mundanos, o segundo pelos signos do amor, o terceiro pelos signos sensíveis e o quarto pelos signos da arte. Cada um desses mundos possui características específicas que são discutidas no desenvolvimento da obra. Deleuze (2010, p. 86) afirma que “tudo é signo”, que “só há signos”. Durante a obra aprendemos que os signos são emitidos por pessoas, seres, objetos, matérias, mas que eles não são as pessoas, os seres, os objetos ou as matérias. É importante frisarmos que os signos são *emitidos* e que “o signo é aquilo que se passa na intensidade dos encontros” (NASCIMENTO, 2012, p. 18). É o encontro com o signo que nos força a interpretar, a dar sentido ao signo emitido. “Interpretar é dar sentido, impor uma ordem, uma

² *Em busca do tempo perdido* é uma coleção composta por sete livros escritos por Marcel Proust. Em *Proust e os signos* Deleuze interpreta essa obra e ao fazer isso costuma se referir a ela apenas como *Recherche* (abreviação do nome completo da obra em francês: *A la recherche du temps perdu*). Deleuze “torna a *Recherche* um instrumento da formulação de sua própria filosofia da diferença” (MACHADO, 2009, p. 194). Em muitas obras escritas pelo filósofo podemos encontrar referências a Proust, evidenciando o quanto este foi um literato importante para que aquele desenvolvesse a sua filosofia passando, muitas vezes, pela literatura.

forma, uma direção, é dar um sinal à massa informe e caótica das coisas do mundo. Interpretar não é revelar, descobrir, identificar, mas criar, inventar, produzir” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 48).

Mais precisamente, o signo é “efeito dos encontros, o signo é esse choque que força a pensar.” (NASCIMENTO, 2012, p. 17), ou seja, sem encontro não há signo. Além disso, há um “vazio deixado pelo encontro com o signo, vazio entendido como violência, como suspensão das faculdades perceptivas e da inteligência” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 13). A partir desses entendimentos, podemos caracterizar o encontro como um ponto de partida para falarmos em aprendizado junto com Deleuze. O encontro gera um vazio que cria espaço para o signo emergir como efeito da violência do encontro. E, é justamente esse processo de encontro com signos, que força a pensar, que inicia a caracterização do aprender nessa perspectiva.

Parece-nos que a ideia de encontro aqui está mais vinculada a sua etimologia do que ao sentido usual que atribuímos a ela. A palavra encontro deriva do verbo encontrar que por sua vez vem do latim *incontrare*, que significa “encontro de adversários”. Dessa acepção agressiva o seu sentido se atenuou para o atual (ORIGEM..., 2020). Parece que na ideia de encontro com signos que está presente em Deleuze temos movimentada essa violência presente na origem etimológica da palavra.

Uma característica que acompanha essa ideia de encontro em *Proust e os signos* (DELEUZE, 2010) é a contingência dos encontros: “o signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar.” (DELEUZE, 2010, p. 91). Pensando nos aprendizados da vida, os encontros com os signos são contingentes, acontecem ao acaso, e desse modo geram a violência necessária para que haja pensamento. A contingência do encontro torna-se importante, pois “o encontro ao acaso propicia a criação de um significado que difere de seus objetos e de seus intérpretes” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 14). Temos assim a criação de um significado para o signo em ação através do acaso dos encontros.

No entanto, em uma aula temos, por um lado, encontros planejados pelo professor entre os estudantes e a matéria de estudo e, por outro lado, encontros ao acaso que fogem ao planejamento do professor. Nesse contexto, é necessário levarmos em conta que considerar “que a aprendizagem não é um estado passível de condução, pois é um acontecimento imprevisível, um encontro, uma irrupção do novo, não significa que ela não possa ocorrer quando incitada. O fato é que a incitação não implica, necessariamente, em um aprendizado.” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 16). Como sabemos e nos lembra o professor Gilles Deleuze, nem tudo convém a todo mundo. Ou seja, apesar do planejamento de uma aula que incite encontros com signos pode ser que não seja possível que encontros aconteçam entre todos os estudantes e a matéria.

O encontro com signos é também o que cria espaço para uma interpretação. Deleuze dá ênfase “ao procedimento de interpretação dos signos” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 10) uma vez que, para ele, o ato de aprender está ligado ao ato de interpretar signos: “tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos” (DELEUZE, 2010, p. 4). “Para o sentido deleuziano de interpretação dos signos, o seu significado depende de um esforço de criação por parte de quem o interpreta.” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 17). Ou seja, o significado que um sujeito atribui a um signo pode ser diferente do significado que outro sujeito atribui ao mesmo signo. Dessa forma, o significado de um signo não é único e o “processo de interpretação [...] ganha um viés de criação, de uma necessidade em sua composição” (BELLO; ZORDAN; MARQUES, 2015, p. 13). Nas palavras de Deleuze:

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início,

considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. (DELEUZE, 2010, p. 4).

Percebemos nos escritos de Deleuze que ele usa a palavra *decifrar* quase como sinônimo para *interpretar*: “decifrar, isto é, interpretar” (DELEUZE, 2010, p. 7). Parece-nos que uma das diferenças é que *decifrar* se afina com a noção de *egiptólogo* explorada pelo filósofo, enquanto interpretar usufrui de um contexto mais geral. O egiptólogo é o estudioso da cultura egípcia que, em particular, busca decifrar alguns mistérios do Egito Antigo. Mistérios estes que estariam *cifrados* por uma cultura, uma arquitetura, uma arte, uma língua que ainda não se permitiu ser totalmente interpretada, mesmo com toda a tecnologia de que se dispõe nos dias de hoje. No entanto, ao empregar a palavra egiptólogo, Deleuze a usa em um contexto amplo: “não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa” (DELEUZE, 2010, p. 4). Desse modo, os aprendizes são os sujeitos que se propõem a decifrar os signos emitidos por alguma coisa. Uma vez que um aprendiz é um egiptólogo de alguma coisa, podemos pensar no estudante como um egiptólogo da matéria de estudo. Assim, podemos inferir que alguém só se torna estudante tornando-se sensível aos signos da matéria de estudo.

Nesse processo de interpretação e decifração o aprendiz atribui um sentido ao signo combinando o seu mundo próprio com o mundo do signo. É por esse motivo que a interpretação de um signo não é única e nem universal. Pelo mesmo motivo o sentido atribuído a um signo também não é único e tampouco universal. A interpretação e o sentido variam no processo descrito acima. Por conseguinte, nessa perspectiva o aprendizado também varia ao se variar tantos parâmetros que regem o processo de atribuição de sentido ao signo.

Dessa forma, pensar o aprender com Deleuze de forma geral passa por pensar na interpretação dos signos. Passa por decifrar os signos a partir dos encontros que temos com eles. Pensar o aprendizado com Deleuze é pensar esse movimento como interpretação de signos, como busca pelo sentido que o sujeito atribui ao signo, como decifração de signos. É esse o ponto que gostaríamos de grifar por enquanto: aprender é decifrar signos.

Ao dizer que o aprendizado é temporal, Deleuze está “indicando que o tempo é uma condição necessária para a interpretação” (MACHADO, 2009, p. 204). Essa é também uma condição que vale de forma geral e também vale no aprendizado de uma matéria de estudo. Para acontecer o aprendizado é necessário tempo.

A próxima ideia que pontuamos está presente nos dois livros em que estamos nos apoiando: “Nunca se aprende fazendo *como* alguém, mas fazendo *com* alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende” (DELEUZE, 2010, p. 21, grifo do autor). Com essa afirmação Deleuze discute a ideia que o aprendizado não é uma imitação, uma reprodução, mas passa pela interpretação dos signos emitidos. “Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem ‘faça comigo’ e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.” (DELEUZE, 2018, p. 43). O que isso pode significar no contexto de uma matéria de estudo? Pode significar que aprendemos com um professor que nos propõe a interpretação de signos e não a reprodução.

Em *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2018), Deleuze complementa ponderando que “Aprender é tão-somente o intermediário *entre* não saber e saber, a passagem viva de um ao outro” (DELEUZE, 2018, p. 223, grifo nosso). Dessa forma, podemos pensar o aprender como esse movimento *entre* desencadeado pelo encontro com signos, como esse processo de decifração dos signos, a busca por um sentido. Junto com o filósofo, é esse movimento *entre* desencadeado pelo encontro que nos interessa pensar aqui. Como professoras de matemáticas que somos, é impossível não pensar nesse movimento *entre* como podendo ser efetuado entre dois pontos de um intervalo de números reais, ou seja, acontecendo em um espaço denso onde

entre dois pontos quaisquer sempre existe um outro ponto, onde entre duas possibilidades sempre existe outra possibilidade, *ad infinitum*.

O último ponto do aprender que gostaríamos de pontuar é a ideia de que “Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender [...] Não há método para encontrar tesouros nem para aprender” (DELEUZE, 2018, p. 222). Este é um ponto importante para nos distanciarmos de teorias que buscam por métodos eficazes que teriam o poder de garantir o aprendizado. Nosso interesse não está em discutir métodos ou em apresentar propostas de ensino, mas em pensar o aprendizado de uma matéria de estudo a partir dos signos emitidos por ela.

Dessa forma, apresentamos as principais características pensadas por Deleuze sobre a noção de aprender. Com isso almejamos abrir possibilidades para outros modos de se pensar o aprendizado de uma matéria de estudo.

Referências

BELLO, Samuel E. L.; ZORDAN, Paola; MARQUES, Diego. Signos e interpretação: entre aprendizagens e criações. **Cadernos da Educação**, n.52, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/7315>>. Acessado em: 29/06/2020.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. Em quê a Filosofia Pode Servir a Matemáticos, ou mesmo a Músicos: mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática. **Educação & Realidade**. v. 27, n. 2, p. 225-226, jul./dez. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**, entrevista concedida à Claire Parnet realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Tradução de Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GALLO, Silvio. O Aprender em Múltiplas Dimensões. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 10, n. 22, 10 jun. 2017.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro. n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karin. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. **Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze**. 2012. 216 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ORIGEM da palavra. 2020. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/encontro/>>. Acesso em: 20 set. 2020.